

AS ESQUERDAS BRASILEIRAS E A DEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS

Luiz Felipe Falcão¹, Arielle Rosa Rodrigues²

Palavras-chave: História do Tempo Presente. Esquerda. Democratização.

Esta pesquisa tem a intenção de, com base no levantamento e interpretação de documentos produzidos pelas estruturas clandestinas e semiclandestinas das esquerdas brasileiras surgidas nos anos 60 e 70 do século passado a partir de experiências e reflexões críticas à atuação do Partido Comunista Brasileiro, PCB, de filiação soviética, bem como também, e sobretudo, recorrendo a depoimentos de ex militantes e ativistas relacionados com aquelas esquerdas sobre suas atividades na resistência ao regime ditatorial implantado em 1964 e no subsequente processo de democratização no decorrer das décadas de 1970 a 1990, obtidos de acordo com os protocolos estabelecidos pela História Oral, visando contribuir para a formulação de uma História do Tempo Presente com pretensões a se apresentar como dimensão legítima da produção historiográfica. Partindo dessas premissas, tem-se procurado responder a um conjunto de questionamentos, como, por exemplo: em primeiro lugar, que atrativos ou seduções para o engajamento político de esquerda se fizeram sentir nas últimas décadas do século passado no Brasil, de maneira a atrair um contingente significativo de pessoas para as estruturas clandestinas e semiclandestinas das esquerdas naquele período? Vinculado a isto, e em segundo lugar, a presença das esquerdas no processo de democratização do país assumiu que características e alcançou que repercussões? Mais ainda, e em terceiro lugar, partindo da constatação de que o país vivia desde a década de 1950 um intenso processo de urbanização e de industrialização, atraindo pessoas do campo para a cidade e demandando mão de obra qualificada, seria possível traçar um perfil distintivo da maioria dos militantes e/ou ativistas no período em apreço, provavelmente urbano (ainda que de extração rural) e jovem? Na mesma linha de raciocínio, e em quarto lugar, seria possível perceber um éthos do que se esperava constituir, ou do que se representava ser, como um militante ou ativista de esquerda naquelas circunstâncias? Por outro lado, e em quinto lugar, poder-se-ia verificar a existência de rupturas ou quebras na transmissão de conhecimentos e experiências entre as diferentes gerações de militantes e ativistas (ruptura esta provavelmente não exclusiva a esta categoria de pessoas)? Finalmente, em sexto lugar, existiriam distinções nos modos de lembrar dos militantes e ativistas de acordo com o lugar social que ocupavam e/ou o tipo de identificação sociocultural que estabeleciam, de sorte que os modos de lembrar de militantes de classes médias ou com elas identificados apresentariam variações em relação aos de militantes das classes trabalhadoras? Para responder a estas e outras perguntas foram pesquisados acervos públicos existentes no Estado de São Paulo, como o da Fundação Perseu Abramo na cidade de São Paulo e o do Arquivo Edgard Leuenroth na cidade de Campinas, bem como foram colhidos depoimentos nas cidades de Campinas, Mogi das Cruzes, Osasco, São Caetano do Sul, São Lourenço da Serra e São Paulo, além do que já foram produzidos vários textos publicados em livros no país e no exterior (Buenos Aires, Argentina) e/ou periódicos especializados.

¹ Orientador, Departamento de História da FAED, luiz.felipe@mailcity.com.

² Acadêmico(a) do Curso de História da FAED, bolsista PROBIC/UDESC.